



Mitos da Lusofonia -1^a por J. Chrys Chrystello

Uma das questões que mais interessa a certos meios mais ligados à preservação da língua e culturas portuguesas é o de provarem que estão vivas. Contudo, há algo mais importante a fazer: mantê-las vivas.

Se bem que seja importante, o contributo dado por entidades oficiais e para-governamentais à realização de colóquios e seminários, mais importante será criar um elo motor capaz de as catapultar da sua semi-obscuridade em meios internacionais para um cenário de ribalta: de Timor a Tânger, ou de Ceuta a Calecute.

Ocorreu recentemente (Porto, Out.º 2002) um Colóquio da SLP (Sociedade da Língua Portuguesa) com o título "[Repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas.](#)" O Colóquio pretendia debater, explorar e analisar as questões de divulgação, expansão e revitalização da língua portuguesa no mundo, à luz dos debates contemporâneos sobre a língua. Tratava-se de debater a problemática, não só em termos das suas formulações históricas e teóricas, mas e sobretudo, de analisá-las nas suas modalidades práticas com as necessárias correspondências em articulação com outras comunidades culturais, históricas e linguísticas lusófonas, como agentes fundamentais de mudança.

¹ J. Chrys Chrystello prestou serviço no exército colonial português sendo destacado para o CTIT (Comando Territorial Independente de Timor) onde chegou em setembro 1973, regressando a Portugal dois anos mais tarde. Começou então a **escrever o seu livro "TIMOR LESTE 1973-75, O DOSSIER SECRETO" antes de rumar a Macau em 1976 e posteriormente à Austrália onde se fixou e naturalizou.**

Ao longo de mais de três décadas de jornalismo político, trabalhou em rádio, televisão e imprensa escrita, tendo sido correspondente estrangeiro durante vários anos da agência noticiosa portuguesa ANOP/LUSA, da RDP/Rádio Comercial, TDM (Macau), J. N., Europeu, PÚBLICO, tendo sido publicado em inúmeros jornais e revistas em todo o mundo, para além de ter escrito guiões de filmes e documentários australianos sobre Timor.. Entre 1976 e 1994, data em que se reformou do jornalismo activo, esforçou-se por divulgar a saga do povo timorense que o mundo (incluindo a Austrália e Portugal) teimava em não querer ver.

Tendo-se interessado pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialectos em Timor, descobriu na Austrália provas da chegada ali dos Portugueses (1521-1525) mais de 250 anos antes do capitão Cook, e da existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (herdado quatro séculos antes).

Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators and Interpreters) e Examinador da NAATI (National Authority for the Accreditation of Translators and Interpreters) desde os anos 80, e pertencendo a vários órgãos internacionais congéneres, Chrys dedicou a última década à sociolinguística e tradução, tendo apresentado trabalhos em dezenas de conferências internacionais (da Austrália a Portugal, Espanha, Itália e Brasil, e Canadá) onde os temas da língua e cultura portuguesas e o de Timor estão sempre presentes, tendo concluído em 1999 o seu Master of Arts (mestrado com Major in Applied Social and Communication Studies).

Os temas abarcando uma vasta área, quer geográfica quer tematicamente, permitiram uma visão globalizante e abrangente do tópico do colóquio. Houve 3 participantes para o 1º tema: Língua, Multimédia e Comunicação Social, 4 para o 2º tema Desenvolvimento curricular, nenhum para o 3º tema Cidadania e Participação Política, 7 para o 4º tema Tradução e Cultura (inter e transcultural), Estudos Interculturais e 3 para o 5º tema Diversidades Culturais.

Estas apresentações cobriram aspetos relativos ao estado da Língua Portuguesa em Timor, Galiza, Moçambique, Portugal e Brasil, focando ainda dificuldades e variações na Tradução de e para o Português, o ensino de Português como Língua estrangeira em currículos de ensino não-oficiais, o ensino a imigrantes não-Portugueses e ainda uma apresentação em Mirandês, dentre outras.

Houve pouca cobertura dos órgãos de comunicação social, exceção feita ao Jornal Primeiro de janeiro que dedicou parte do seu suplemento de Artes e Letras ao assunto em 16 de outubro. A assistência porém esteve interessada e participou vivamente nos debates inter-apresentações e nos debates ao fim de cada dia. Foi decidido que a SLP encetaria contactos no sentido de continuar com esta descentralização cultural, podendo ser Bragança a suceder ao Porto no evento do próximo ano.

Os participantes eram maioritariamente professores universitários e do Politécnico a nível de Portugal, e professores universitários no Brasil, Espanha e Galiza. A maior parte tem larga obra já publicada dentro do âmbito e das temáticas deste colóquio. Da assistência houve participação e a constatação de que muitas das áreas e temas abarcados eram de utilidade prática imediata para complemento do material pedagógico dos programas lecionados, a nível de ensino secundário e terciário.

De acordo com os participantes, dentre outros, os aspetos multiculturais debatidos nalgumas apresentações parecem ser de estudar para potencial aproveitamento futuro quer em cursos já implantados quer como material para futuras ações de formação.

Irão encetar-se contactos com vista à realização do 2º Colóquio no próximo ano em Bragança. A ideia é de se manter o acontecimento autossuficiente com as contribuições dos participantes.

Surgiu há anos uma proposta do Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra para a criação de uma Cidadania da Língua Portuguesa (no Mundo) que importa analisar, pois ela contém os germes do sucesso inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras num país como Portugal, marcado por tradicionalismos avessos a mudanças. Para quê, esta cidadania? Para que todos os lusofalantes, independentemente de outros idiomas que outros idiomas que com a língua de Camões comunguem, possam identificar-se como uma entidade única e universal, importante, capaz de sobreviver a guerras, diásporas e outras tragédias que têm assolado os lusófonos.

Quem são, o que fazem, o que pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra mãe. Será que as línguas crioulas ou Pidgin e as indígenas se sobrepõem às outras? Porque o ensino do português é oficial quererá isso implicar que ele vai suplementar as línguas nativas? Quando seremos capazes de admitir como lusofalantes que a língua a que chamamos nossa só pode sobreviver se enriquecida por outras? Dura lição esta, para aqueles, que, segundo diz o escriba **“deram novos mundos ao mundo”**. **Se não aceitarmos esta realidade multilingue das comunidades lusófonas, criamos o conceito de ter uma língua viva com o mesmo futuro do esperanto.** Estas são as perguntas que aqui se põem e que alguém – que não eu – terá de responder. Estas são questões fundamentais para a sobrevivência da Língua Portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem do país a que chamamos nosso, mesmo que o não seja.

Recentemente o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia *“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”*²

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me preocupado sobretudo pelos anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só podem ter capacidade de sobrevivência se evoluírem, eu alertava para o facto de recentemente (em 1999) terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira, das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o inglês destronou línguas em pleno solo do Reino Unido, tal como Crystal afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes ignorantes, escribas, jornalistas e políticos, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal e apenas alguns esforços isolados para criar uma no Brasil.

² Carta de David Crystal 16/02/2001 a Pedro Kaul do governo brasileiro, citada no fórum Ajudar Timor em 16/03/2001

A sua resposta³ em março último pode-nos apontar um de muitos caminhos: *"As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto, é sem dúvida a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. de facto, cerca de 80% do vocabulário inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É até irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de latim e de Francês na sua origem.*

*Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.*

*Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.*

*Recordo ainda que não é só o inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram **as línguas minoritárias de igual modo.**"*

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que mais alguém se lembre de que manter viva a língua Portuguesa tem de ser feito, especialmente em África e no Brasil, sem exclusão das línguas minoritárias que com ela podem coabitar.

Esta mitificação de sermos uns 182 milhões de lusofalantes no Brasil e mais uns tantos milhões em África e no resto do mundo tem de ser desmistificada!

Não há mercado em Portugal para traduções, para dicionários, para livros técnicos ou manuais e deixamos essa janela de oportunidades aberta a editores estrangeiros de Espanha a Nova Iorque. As poucas exceções limitam-se a comprovar a regra.

³ Carta de David Crystal ao autor em 25 Março passado.

Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusofalantes, dos Orientes exóticos "*Que o Sol em nascendo vê primeiro*"⁴ que mitos salazarentos criaram aos orientes menos exóticos que a revolução do 25 de abril (1974) esqueceu. Pugno pelos filhos que falam português qualquer que seja o país em que nasceram ou vivem, Mas constato que encontrei mais estrangeiros interessados em apoiar iniciativas de preservação da língua portuguesa do que nativos da mesma.

Criamos novos mundos e redescobrimos outros, sem jamais identificarmos a mesquinhez desta nossa maneira de ser que nos faz sentir grandes – talvez até maior do que somos, quem sabe? Agora que o grande desafio do século XXI nos confronta maior que um Adamastor, importa afirmar aquilo que imodestamente nunca fizemos, nem mesmo quando o Português era a *língua franca* de todos os comércios do mundo.

Precisamos de manter viva a nossa língua e vamos precisar de todos, especialmente daqueles que forem capazes por artes e engenhos de assumir iniciativas arrojadas: que o façam sem ser em busca de louvaminhas ou encómios, sem ser em busca da vã glória e fama fugaz de que se fazem tantas carreiras, sem ser em busca de usura ou lucro. É preciso gente dedicada, mesmo com fama e nome ou simplesmente anónimos como os trabalhadores que quotidianamente constroem o nosso meio ambiente.

Não precisamos apenas de iniciativas arrojadas mas revolucionárias, mesmo que os formatos sejam os tradicionais: simpósios, conferências, seminários, colóquios, ou o de meros boletins informativos (eletrónicos ou impressos), capazes de captar ouvintes e leitores com a língua de origem lusófona que adotamos ou queremos como nossa.

Mesmo que sejam os políticos bem-intencionados, mas deles não queremos as vãs e bem-soantes palavras eleitoralistas que um qualquer vento dos votos levará, queremos trabalho e o cumprimento de décadas de promessas. Queremos uma política da língua, à semelhança doutros países, que permita a sua divulgação ampla como meio fundamental de manter a independência política, cultural, e linguística. Só assim manteremos acesa esta chama com que **comunicamos dos Algarves D’el-rei** que já esquecemos, às Índias de Vice-reis que nossas nunca foram, a Timores de quem olvidamos a existência durante cinco séculos, às Goas, Malacas e Macaus de que apenas nos lembramos quando nos queremos sentir orgulhosamente beneficiários dessa herança portuguesa que é a língua. A essência do problema é manter a língua e a cultura vivas, não interessa onde nem como.

⁴ *Divisa de Timor Português em eras coloniais*